

ENTRE RECUSAS E DESCOBERTAS: A POTÊNCIA DA REPETIÇÃO NAS EXPERIÊNCIAS COM BEBÊS E CRIANÇAS PEQUENAS.

Thais Macedo Nedisberg¹
Mayara Benjamim de Oliveira²
Julia Regina Huber da Silva Alves³
Ana do Carmo Goulart Gonçalves⁴

RESUMO

Impulsionada pela Aliança pela Infância, movimento internacional que se encontra presente em vários países, entre eles o Brasil, a Semana do Brincar deste ano teve como tema “Proteger o encantamento das infâncias”. Desse modo, em diferentes partes do mundo, foram pensadas propostas para crianças que caminham na direção supracitada. Nesta esteira, este trabalho visa apresentar reflexões realizadas a partir de uma proposta desenvolvida pelas bolsistas do Núcleo de Estudo e Pesquisa em Educação da Infância - NEPE, da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, em uma Escola Municipal de Educação Infantil - EMEI, da mesma cidade, durante a Semana Mundial do Brincar. A proposta teve como objetivo ofertar estações brincantes para bebês e crianças pequenas, valorizando o brincar livre e a escuta das crianças (Soares, 2017; Vieira e Baptista, 2025). Dentre as atividades ofertadas, destacamos a oficina da “areia movediça”, a qual misturamos água e amido de milho, que se constituiu como cenário propício para pensar a potência da repetição e da continuidade durante as experiências infantis (Marcello e Soares, 2024). Visto isso, pode-se dizer que a cena que inspira este artigo envolve uma bebê que inicialmente recusava-se a tocar na mistura, e após um tempo de observação e participação, ainda que, de maneira tímida, e com adultos que a encorajavam, decidiu aproximar-se e entregar-se, mergulhando de corpo inteiro na experiência, chegando ao ponto de entrar na bacia. Este movimento - da recusa à imersão - evidencia a importância da continuidade e da repetição amparadas por um tempo que é singular para cada criança (Kohan, 2020). Outro aspecto a destacar é o direito de dizer “não”, o qual deve fazer parte de processos de descoberta e construção de si. Ao concluir, enfatizamos que este trabalho é o resultado de estudos, vivências e reflexões oportunizadas pelo NEPE e pelo curso de Pedagogia da FURG.

Palavras-chave: Educação, Brincar Livre, Escuta, Repetição e Continuidade.

INTRODUÇÃO

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, Thais2005.nedisberg@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, Mayarabenjamim11@gmail.com;

³ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, huberjulia392@gmail.com;

⁴ Doutora pelo Programa de Pós Graduação em Educação Ambiental - PPGEA da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, Professora titular na Universidade Federal do Rio Grande - FURG - acarmogg@gmail.com.





O presente trabalho é resultado de uma série de reflexões atinentes a propostas realizadas, impulsionadas pela Aliança pela Infância, movimento contínuo pelo respeito à criança e ao tempo da infância, durante a Semana Mundial do Brincar, que ocorreu entre os dias 24 e 31 de maio de 2025 e teve como tema “Proteger o encantamento das Infâncias”. Cabe ressaltar que esta experiência foi propiciada pelas bolsistas do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Educação da Infância - NEPE, para crianças de uma Escola Municipal de Educação Infantil

- EMEI, da cidade do Rio Grande, RS.

Para dar continuidade à escrita, entendemos como necessário, a contextualização do NEPE, o qual é sediado na Universidade Federal do Rio Grande, localizado junto ao Instituto de Educação - IE, e cujo mote é a realização de projetos de ensino, pesquisa e extensão que acontecem de forma indissociável. Visto isso, cabe ressaltar que há múltiplos projetos ligados à ele, no entanto, neste trabalho, é preciso dar destaque ao Ateliê da Infância, que de acordo com seu projeto,

Foi criado com o objetivo de oportunizar um espaço privilegiado para a brincadeira e a vivência de múltiplas linguagens, bem como para a formação de professoras da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental da rede de ensino do Rio Grande. (Universidade Federal do Rio Grande, 2017)

A partir desse propósito, desenvolvemos a ação 5 do projeto, denominada “Ateliê Itinerante”, que está associada à ampliação das ações do ateliê para a comunidade.

Nesta linha, cabe ressaltar que durante a Semana Mundial do Brincar, à convite da já mencionada EMEI, as bolsistas do NEPE, planejaram a oferta de três oficinas, assim como pensaram materiais e materialidades para serem ofertadas para crianças desde bebês⁵. Tais oficinas foram pensadas à luz de pesquisadoras(es) do campo da Educação Infantil que se debruçam nas temáticas que envolvem crianças e o brincar livre.

Assim, a oficina de “Areia movediça”, que mobiliza e nos aguça para esta escrita, uma vez que através desta pudemos observar o tempo como um grande aliado das experiências infantis, pois somente com ele a bebê pode se deleitar em uma experiência significativa para ela, e por consequência para nós, bolsistas, que fomos responsáveis pela mediação e observação. Para Larrosa (2002, p. 21) “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece.”

Deste modo, este artigo busca afirmar a brincadeira como um direito para as crianças e para a formação docente, uma vez que esta enfatiza pontos que são indispensáveis na conduta

⁵ Ainda que os documentos oficiais do Ministério da Educação - MEC, utilizem a expressão: “Bebês, crianças bem pequenas e crianças pequenas”, nosso grupo acredita que os bebês também são crianças.





de uma professora de crianças desde bebês, como a importância que tem o tempo, que para Barbosa (2013), na sociedade capitalista está cada vez mais valioso e a singularidade do tempo para cada criança, que estão vivenciando o tempo da experimentação (Kohan, 2020), além da necessidade de escutar o que as crianças dizem, mesmo que seja um “não”, ou ainda que seja o silêncio, pois esse fala muita coisa (Vieira e Baptista, 2025). Portanto, tomamos como fio condutor o movimento da recusa à descoberta vivenciado por uma bebê, o que nos instigou a refletir sobre a potência da repetição e do tempo nas experiências com bebês e crianças pequenas (Marcello e Soares, 2024).

METODOLOGIA

De início, precisamos mencionar que o NEPE realiza reuniões formativas e/ou informativas todas as terças-feiras. A partir disso, como etapa inicial do movimento, realizamos uma reunião em um dos encontros. Cabe ressaltar que esses momentos funcionam como espaços de formação coletiva, nos quais promovemos estudos teóricos, análises de práticas pedagógicas e planejamento de intervenções, sempre buscando articular a teoria com as experiências vivenciadas no projeto. Para fundamentar a proposta de intervenção, realizamos a leitura de um referencial que trata das brincadeiras e das interações na Educação Infantil e do papel comunicativo dos espaços e dos materiais (Soares e Marcello, 2024). Visto isso, a leitura foi debatida em grupo, possibilitando uma reflexão crítica e a escuta das experiências anteriores de cada integrante, o que contribuiu para a construção de uma proposta significativa, sensível e respeitosa aos tempos e formas de brincar das crianças.

A partir dos estudos e debates que a reunião propiciou, passamos para a produção do planejamento desta tarde brincante, contemplando as diferentes idades. Conforme destaca Ostetto (2008, p.01) o planejamento constitui-se como instrumento orientador do trabalho docente. Sendo assim, para organizar as propostas, estruturamos três oficinas, cada uma com objetivos específicos, mas permitindo que as crianças circulassem livremente entre os espaços, escolhendo participar conforme seus interesses e ritmos individuais.

A primeira oficina, chamada Areia Movediça, foi definida como prioridade principalmente devido ao tempo frio no dia da intervenção, pensamos em oferecer uma experiência sensorial confortável, evitando o desconforto de tocar em água muito gelada e reduzindo a preocupação com a limpeza do ambiente. Inicialmente, a proposta era produzir massinha de modelar, mas optamos por experimentar pela primeira vez a mistura de amido de milho e água, criando uma textura semelhante à areia movediça. Essa proposta possibilitou que as crianças explorassem texturas, movimentos e sensações táteis, de maneira segura e prazerosa.



A segunda oficina, denominada Circuito de Movimento, foi planejada para as crianças bem pequenas e pequenas. Essa estação contou com diferentes desafios, como túneis, boliche com garrafas, cordas, bambolês e pés de lata, incentivando também a interação social, a cooperação e a criatividade durante o brincar, respeitando os interesses de cada criança.

Por fim, a terceira oficina, chamada Jogo Corpo e Cor, consistiu em uma adaptação do jogo Twister, criada pelas bolsistas. Para a atividade, foi confeccionado um tapete com círculos coloridos e dois dados: um com cores e outro com partes do corpo, como mão direita, mão esquerda, pé direito e pé esquerdo. Ao lançar os dados, a criança posicionava a parte do corpo correspondente sobre a cor indicada.

Sendo assim, a organização das três oficinas buscou respeitar os tempos, interesses, singularidades e escolhas promovendo o brincar livre e experiências sensoriais e corporais significativas. Como destaca Soares (2017, p. 30), que “Brincando, a criança conhece o mundo, se apropria dele, o internaliza e aprende a conviver com as leis que o regem e o organizam.”

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De início, é importante ressaltar que, assim que foi concluído, o planejamento foi enviado para a escola, uma vez que a proposta contou com uma oficina comumente associada à sujeira, a oficina com um fluido não newtoniano⁶, conhecido como areia movediça. Nossa intenção era que as crianças ficassem à vontade e experienciassem todas as oficinas de suas escolhas, sem se preocuparem com as roupas, como consta na FIGURA 1.

Fotografia 1 - Criança e bolsista brincando com a areia movediça



Fonte: autoral

⁶ fluido cuja viscosidade não é constante, alterando-se de acordo com a pressão ou a taxa de cisalhamento aplicada





A partir disso iniciamos a nossa prática em uma manhã um pouco úmida, por isso pensamos em fazer a proposta da areia movediça em cima das mesas, mas a ocasião nos revelou que seria impossível, pois os bebês, a quem a atividade estava originalmente direcionada, não alcançariam as bacias, mostrando-nos novamente que o planejamento é importante, mas precisa estar aberto à modificações, como nos revela Ostetto (2008), é importante exercitar o olhar atento e escutar as necessidades do grupo, pois o planejamento não é o ponto de chegada, é apenas o ponto de início ou de passagem. Cabe ressaltar que a umidade presente não foi um empecilho para a proposta, que ocorreu de forma esplêndida, e atrativa para todas as crianças, ou quase todas, que ali passaram.

Cabe ressaltar que naquela manhã, muitas crianças ali passaram, deixando marcas de seus contentamentos e suas frustrações em relação às oficinas, como por exemplo uma criança que não conseguiu entender as regras do jogo “corpo e cor”, talvez por não ter gostado do jogo ou talvez por não ser adequado a sua idade, questão essa que foi levantada posteriormente, na nossa avaliação. A criança, depois de passar na estação brincante, chegou no grupo e fez suas considerações, pediu para que levássemos mais vezes o circuito com boliche, alegando que gostou muito, apesar de preferir jogar sem a companhia de outras crianças, e também falou que gostou muito da areia movediça, pois dava para enterrar dinossauros. No entanto, foi incisivo quando nos solicitou que não levássemos mais o tapete, pois o jogo era muito “chato e difícil”.

Outro aspecto que gostaríamos de destacar diz respeito a uma bebê que ficou em torno das bacias junto aos seus colegas, alguns sequer haviam dado seus primeiros passos. Após observarem os materiais dispostos, sentiram-se convidados e logo colocaram suas mãozinhas dentro da bacia e se deleitaram com aquele líquido que quando sofre alguma pressão fica duro, mas quando livre, volta a ficar em estado líquido. No entanto, aquela bebê se recusou a tocar na mistura, respeitamos essa decisão, pois a olhamos como um sujeito de direito que tem sentimentos, opiniões e poder de tomar algumas decisões sobre o seu querer.

Cabe ressaltar que mesmo com sua decisão de não participar da oficina, a menina olhava e observava com um olhar como quem tentava entender os motivos de seus colegas estarem sujando as mãos, tivemos algumas tentativas falhas de chamá-la para a brincadeira, pois quando tentávamos a sua imersão nos materiais e nas materialidades presentes na oficina, a menina retirava as mãos, contudo, continuava sempre observando a brincadeira.

É importante considerar que, naquele momento, éramos um grupo de pessoas estranhas adentrando o cotidiano das crianças. Esse fator pode ter contribuído para que a menina demonstrasse certo receio, ainda que curiosa e interessada em colocar a mão na

bacia. O



estranhamento, nesse caso, também faz parte da experiência, pois evidencia o quanto a presença do outro, sobretudo de quem chega de fora, pode interferir nas ações e nas decisões das crianças.

Essa experiência nos revelou o quanto uma professora de bebês precisa ter o olhar atento. Pois caso não tivéssemos percebido seu interesse, mesclado a sua hesitação, talvez não tivéssemos vivenciado a experiência que mobiliza está escrita, uma vez que após muitos convites, a menina colocou a mão na bacia, em seguida o braço (FIGURA 2) e logo jogou-se de corpo inteiro, pode-se dizer de forma literal, pois levantou-se do chão, onde foi colocada sentada, e colocou um pé dentro da bacia (FIGURA 3) nos olhando, naquele momento um olhar que pedia uma aprovação para a sua ação, e como não sofreu nenhum tipo de represália, sentou-se dentro da bacia (FIGURA 4).

Fotografia 2 - Criança com a mão dentro da bacia



Fonte: autoral

Fotografia 3 - Criança entrando dentro da bacia



Fonte: Autoral



Fotografia 4 - Criança entrando dentro da bacia



Fonte: autoral

Cabe destacar que esta experiência foi deveras significativa, remetendo-nos a ideia do que nos toca, tal como aponta Larrosa (2002), uma vez que pudemos observar que tudo que aprendemos sobre ter esse olhar e escuta atenta para e com as crianças é muito importante, pois se não tivéssemos percebido o interesse dessa bebê em participar da oficina e a levado para outro lugar, ela não teria nos ensinado que para crianças desde bebês é preciso que haja tempo e repetição, conforme apontam Soares e Marcello (2024, p. 107), “para viver uma experiência, a criança precisa também de tempo: um tempo justamente para experimentar - ainda que se trate de propostas que possam ser revividas por meio da continuidade e da repetição”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste percurso, é possível afirmar que as vivências proporcionadas pelo dia brincante reafirmam o brincar como eixo estruturante da Educação Infantil e como campo de formação docente. Entendemos que, ao planejarmos e acompanharmos as experiências com bebês e crianças pequenas, fomos desafiadas a deslocar o olhar, a desacelerar o tempo e a exercitar uma escuta sensível às singularidades das crianças. A experiência da bebê que, inicialmente, recusou-se a tocar na areia movediça e, posteriormente, entregou-se à descoberta, tornou-se o fio condutor das ações realizadas, o qual nos permitiu compreender a potência da repetição e da continuidade em relação com o fazer docente.

Esse movimento entre recusa e entrega não é apenas da criança, mas também das professoras em formação, que, ao se colocarem em relação com o inesperado, são convidadas a rever seus modos de olhar, e sobretudo, de agir. Como destaca Larrosa (2002), a experiência é aquilo que nos acontece e nos transforma, e foi justamente o que ocorreu nesse encontro: fomos transformadas pela escuta e pela observação atenta às pequenas ações e





crianças. Cada tentativa, cada aproximação e cada “não” da bebê nos convidaram a repensar a ideia de tempo, sobretudo do tempo vivenciado na escola, reconhecendo que o aprendizado não se dá pela pressa, mas pela presença e pela repetição dos gestos cotidianos.

A partir desse olhar, a recusa deixa de ser vista como resistência e passa a ser compreendida como expressão legítima da criança sobre seus limites e desejos. Ao respeitarmos o “não”, criamos um espaço de confiança e acolhimento que possibilita novas tentativas e descobertas. Assim, o brincar se torna campo de experimentação e de construção de vínculos, permitindo que as crianças se sintam autoras de suas ações e protagonistas de seus processos. Outro aspecto essencial evidenciado neste processo é o papel da extensão universitária na formação inicial de professoras, pois foi por meio das ações do NEPE e do Ateliê da Infância que vivenciamos de forma concreta, o encontro entre teoria e prática, universidade e escola, saberes acadêmicos e saberes da experiência. A extensão, nesse sentido, amplia os horizontes da formação, pois nos coloca em contato com realidades diversas e nos desafia a pensar a docência de forma viva e situada, uma vez que com a extensão não nos restringimos apenas a curtos períodos de inserção nas escolas, pois quando somos extensionistas estamos nos disponibilizando a ser presentes na comunidade exterior à universidade.

Assim, encerramos este artigo reafirmando que o tempo, a escuta e o brincar são dimensões indissociáveis da docência na Educação Infantil. O episódio da bebê e a areia movediça nos ensinou que há saberes que se constroem na continuidade das experiências e que o aprender está profundamente ligado à possibilidade de repetir, hesitar e recomeçar. O gesto de recusar, insistir e descobrir é, também, o gesto de formar-se, tanto da criança quanto da professora. Reconhecer essa potência é reafirmar uma pedagogia que valoriza o humano, o tempo e o encantamento das infâncias.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, M. C. S. Tempo e Cotidiano - tempos para viver a infância. Leitura: Teoria & Prática, Campinas, v.31, n.61, p.213-222, nov. 2013.

KOHAN, W. O.; FERNANDES, R. A. Tempos da infância: entre um poeta, um filósofo, um educador. 2020.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro: ANPED, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

MEN7107-07308A (20132): OSTETTO, Luciana. Planejamento na educação infantil: mais que a atividade, a criança em foco | Moodle UFSC.





SOARES, 2024; MARCELLO, 2024. Brincadeiras e interações na Educação Infantil: o que nos mostram os espaços e materiais nas escolas?. In.: ALBUQUERQUE, Simone;

SOARES, Suzana Macedo. Vínculo, movimento e autonomia. São Paulo: Omnisciência, 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE (FURG). Ateliê da Infância: espaço de brincadeira, criação e educação. Coordenadora: Gisele Ruiz Silva. Rio Grande: FURG, 2017. Plano de trabalho para projeto de extensão.

VIEIRA, Livia Fraga; BAPTISTA, Mônica Correa. Educação infantil. 1. ed. São Paulo: Editora contexto, 2025. 160 p. v. 1. ISBN 978-65-5541-265-9.

